

SEMANA FARROUPILHA – UMA TRADIÇÃO

Guilherme Sarmento Sperry

Brig Ar

Setembro é um mês de significativa importância para o Rio Grande do Sul. 20 de Setembro é a data máxima do povo gaúcho, quando todos reverenciam a Revolução Farroupilha. É o marco histórico da formação política da Sociedade Rio-grandense. Esse movimento tomou corpo a partir da criação do Departamento Tradicionalista, organizado na famosa Escola Pública Estadual Júlio de Castilho, liderado por João Carlos Paixão Cortes, reconhecido cultuador das tradições gaúchas.

Neste ano, as comemorações terão início no dia 13 de Setembro, data em que a “Chama Crioula” (pira) será acesa em vários pontos do estado, sendo apagada no dia 20, ao encerrar-se a Semana Farroupilha. Durante esse período, a Chama Crioula permanecerá solenemente guarnecida pelos componentes do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), que se alternam de hora em hora, empunhando garbosamente suas lanças em posição de profundo respeito por aqueles que outrora tombaram cumprindo a honrosa missão de Sentinela dos Pampas.

Nessa semana, ergue-se em Porto Alegre, na antiga Praça da Harmonia, uma espécie de vila com cerca de 400 barracas e galpões de madeira, denominada “Ronda Crioula”. Esse nome foi buscado na campanha onde os tropeiros faziam a ronda cuidando das tropas de gado durante a madrugada.

Hoje, na Ronda Crioula reúnem-se os integrantes dos inúmeros CTG’s, piquetes vindos de vários rincões e milhares de pessoas que lá comparecem e celebram a data ao redor do fogo de chão, com churrasco, chimarrão, poesia e dança típica, relembando nossa história.

Como ponto máximo, encerrando as comemorações, segue-se o emocionante e lindo desfile a cavalo dos CTG’s, dos grupos e famílias em carroças e charretes, todas enfeitadas e que em todo Estado reúnem uma multidão de cidadãos trajando vestes típicas: homens de bota, bombacha, chapéu de aba larga e mulheres vestindo saias rodadas e coloridas, sempre com flores no cabelo complementando a beleza das “prendas”, e assim, em clima de união, clamor cívico e consciência viva, os gaúchos dão uma profunda demonstração de igualdade, integração campo/cidade, unindo gerações, classes sociais e etnias.

Mas, isso tudo deve-se ao movimento histórico chamado de Revolução Farroupilha e aqui vai um breve resumo daquele episódio e, por oportuno, vale mencionar a famosa realização da TV Globo que recentemente emocionou o Brasil com a série “A Casa das Sete Mulheres”, onde foi retratada com muita propriedade a saga iniciada em 20 de Setembro de 1835 e que durou 10 anos, envolvendo sucessivos combates.

Unindo e mobilizando os farrapos, sob a liderança de homens e mulheres do porte de Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, David Canabarro, Antônio da Silva Neto, Domingos Crescêncio e Anita Garibaldi, estava o sentimento de rebeldia contra a centralização do Poder Federal, que se manifestava, de forma especial, na espoliação econômica da região. Entre as principais causas do levante, estavam a penalização dos produtos agropecuários, especialmente o charque, com altos impostos e, também, a expropriação e desvio dos recursos acumulados no Estado, até mesmo para pagar dívidas federais junto à Inglaterra.

Mas, além disso, a Revolução Farroupilha transformou-se em um momento de construção e afirmação dos princípios sociais, políticos, econômicos, culturais, e, talvez, principalmente ideológicos, que orientam a sociedade gaúcha até hoje. Apesar da guerra e do ataque constante do poder imperial, os rebeldes farrapos mantiveram a atividade econômica, desenvolveram as estruturas de poder, tanto civil quanto militar, e introduziram revolucionárias práticas democráticas.

Em 1837 e 1838, libertaram os escravos que haviam participado da revolução, reduziram os impostos sobre exportação e restabeleceram o imposto sobre importação de gado, criaram uma fábrica de arreios e outra de curtir couros e promoveram o recenseamento da população. Ainda, dentre as medidas mais importantes, instituiu-se a Assembleia Constituinte e o sistema eleitoral baseado no sufrágio universal, com voto obrigatório e apuração perante o povo reunido.

Muitas foram às batalhas e inúmeros foram os combates e escaramuças. Entre sucessos e insucessos os historiadores divergem quanto ao número de abatidos em lutas, mas segundo Hernani Donato, no Dicionário das Batalhas Brasileiras, foram registrados 47.829 óbitos entre homens e mulheres, sendo a maioria de revolucionários.

A paz foi assinada em 1º de Março de 1845, com o Tratado de Poncho Verde. A atuação decisiva de Luiz Alves de Lima e Silva foi tão nobre e correta para com os oponentes que a Província, novamente unificada, indicou-o para Senador e o Império, reconhecido, outorgou ao General o título Nobiliárquico de

Conde de Caxias e mais tarde, em 1850, com a iminência da Guerra contra Rosas, seria indicado a Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A história em si é muito longa e fartas são as fontes de consulta.

A intenção do autor deste artigo foi, principalmente, a de enaltecer o espírito tradicionalista do povo do Rio Grande do Sul, seu espírito cívico e, antes de tudo, o patriotismo e o amor ao nosso torrão. Para complementar, belos episódios poderão ser apreciados no link: <http://www.archive.org/stream/bentomanoelribe00rodrgoog#page/n9/mode/2up>.

E para encerrar, não poderia deixar de publicar a poesia que leva o título de RETORNO DO BRAVO, a qual traduz com muita emoção a trajetória de um velho Guerreiro que viu seu filho partir para o combate.